

Canoas, Edição especial, comemorativo aos 10 anos do Doutorado em Educação, 2024

 <http://dx.doi.org/10.18316/recc.espi1.12029>

Trilhas brincantes acadêmicas: das escolhas e dos deslocamentos

Academic play trails: of choices and displacements

Adilson Cristiano Habowski¹

Resumo: Neste texto, apresento as trilhas brincantes acadêmicas que percorri no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, que celebra uma década de doutorado em 2024. Trata-se de um gesto comemorativo ao programa através do compartilhamento e problematização de algumas das experiências acadêmicas que vivi no decorrer da Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado em Educação, e atualmente com o estágio pós-doutoral (CNPq). Circunscrevo-me com mais ênfase ao relato da minha pesquisa de mestrado, a transformação da dissertação em um livro, e os deslocamentos que emergiram no decorrer da tese de doutoramento. A partir disso, discutirei os redirecionamentos dados no doutoramento, diante das novas intenções e enfoques, considerando o interesse em explorar outras ferramentas analíticas e opções teóricas e metodológicas para examinar com uma nova perspectiva o meu foco de pesquisa: as crianças e as tecnologias digitais. Por fim, apresento os novos interesses de pesquisa agora enquanto pós-doutorando com bolsa do CNPq junto a este programa e as temáticas em investigação enquanto docente colaborador do PPGEdu da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Para além do gesto comemorativo aos dez anos de comemoração ao doutorado do PPGEdu, trata-se de compreender a experiência da escrita como um processo de autoformação, no qual o sujeito se cultiva ao olhar para sua própria trajetória de vida. Ao narrar suas experiências, o que foi experimentado se transforma em escrita que não apenas registra, mas também ajuda a compreender melhor seu percurso e a se tornar quem é.

Palavras-chave: pesquisa. educação. escrita. deslocamentos. autoformação.

Abstract: In this text, I present the academic playful trails that I followed in the Graduate Program in Education at La Salle University, which celebrates a decade of doctorate in 2024. It is a commemorative gesture to the program through the sharing and problematization of some of the academic experiences I lived during the Scientific Initiation, Master's and Doctorate in Education, and currently with the postdoctoral internship (CNPq). I will limit myself with more emphasis to the report of my master's research, the transformation of the dissertation into a book, and the displacements that emerged during the course of the doctoral thesis. From this, I will discuss the redirections given in the PhD, in the face of new intentions and approaches, considering the interest in exploring other analytical tools and theoretical and methodological options to examine with a new perspective my research focus: children and digital technologies. Finally, I present my new research interests now as a postdoctoral fellow with a CNPq scholarship with this program and the themes under investigation as a collaborating professor at the PPGEdu of the Integrated Regional University of Alto Uruguai and Missions (URI). In addition to the commemorative gesture of the ten years of celebration of the PPGEdu doctorate, it is about understanding the experience of writing as a process of self-formation, in which the subject cultivates himself by looking at his own life trajectory. By narrating her experiences, what was experienced becomes writing that not only records, but also helps her to better understand her path and to become who she is.

Keywords: research; education; writing; offsets; self-training.

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, integrante da Linha de Pesquisa Processos Educativos, Linguagens e Tecnologias. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Foucault (2001, p. 13), ao introduzir o projeto da *História da Sexualidade*, diz que “[e]xistem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. A postura de examinar constantemente o próprio modo de olhar e de pensar poderia ser o *ethos* de todo pesquisador. Para mim, o movimento da autocrítica tem sido de importância fundamental e vivificante! Isto é, o pesquisador também efetua um trabalho sobre si, pois está inserido numa arena em que é desafiado continuamente a inventar, pensar, descobrir, encontrar, produzir pensamento, escrever, gerar pensamentos de um modo que corresponda à sua própria visão de mundo, sua sensibilidade e percepções de seu próprio tempo. E também se deixa surpreender pelo que ele mesmo faz enquanto pesquisador, deixando-se ser questionado pelas próprias perguntas. Me parece que aí está uma das belezas da vida acadêmica! Do trabalho do pesquisador que primeiro transforma a si mesmo: como um pensador, chamado não apenas a ir além do senso comum, do ordinário ou acadêmico, mas também a ir além de si mesmo, de suas próprias ideias.

A prática da escrita acadêmica assume diversas formas, revelando o estilo singular do sujeito. Mas que estilo é esse? Ético ou linguístico? Com frequência, a escrita [dita] científica deixa escassas as diversas implicações que a envolvem. Dilemas, dúvidas, noites inquietas e páginas em branco na tela do computador se dissipam, constituindo-se numa memória a ser esquecida ou num caderno de anotações de “falhas vencidas”. Mas, que propósito tem essa escrita? Como ela se manifesta? Qual é sua intenção? É possível adotar uma escrita imparcial, higiênica e distante sobre determinado tema, tratando-o como um objeto separado e distinto de um sujeito?

Sim, esse modo pode indicar uma competência do autor, uma originalidade, uma determinada humildade com a ausência de qualquer traço de singularidade na escrita. Contudo, esse modo de texto frequentemente carece do potencial transformador; talvez por falta de fervor. Essa ausência de fervor na escrita higiênica, impessoal e objetiva, resulta em um texto carente de vitalidade. O vigor transformador parece diminuir, uma vez que a chama que poderia inspirar mudanças está ausente. Na busca por neutralidade, o autor se distancia do conteúdo, convertendo-o em um objeto isolado, desconectado da subjetividade.

Foucault (2004) dizia da escrita como insumo para a estilização de nossa existência, um exercício pessoal por meio do qual é possível transformar o que é observado, lido, escutado e experimentado; discernir quais desses elementos podem ser reconhecidos como elementos nutritivos para a construção de novos aspectos em nossa alma e nosso corpo. A escrita de si [que é também escrita para os outros] é um modo para o cuidado de si, para essa ética de si mesmo. A escrita de si é uma das técnicas da *epimeleia heatou* na Grécia Antiga. A escrita seria uma etapa essencial para a *askesis*, para a elaboração dos “discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação” (Foucault, 2004, p. 147). Como uma das formas de fazer da própria vida uma forma de arte, uma técnica ou uma espécie de saber, a escrita adquire um papel importante na antiguidade. Assim, os *hypomnemata* eram os livros de apontamentos, registros públicos, cadernos pessoais que serviam de agenda, ou como suportes de lembranças.

Tais livros eram importantes como instrumentos de atenção permanente consigo mesmo, relacionando-se com a cultura de si ao estabelecer um governo de si. Estes livros eram feitos das memórias materiais das coisas lidas, vistas, ouvidas ou pensadas, um tesouro de discursos, aos quais se poderia recorrer quando se quisesse; que servissem para meditação sobre si próprio. Estes discursos não se constituem como uma “narrativa de si mesmo”, e nem tinham o intuito de “perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (Foucault, 2004, p. 149). Essa escrita, para Foucault (2004), não se

constituiria em uma doutrina, mas poderia ser entendida a partir da metáfora da “digestão” – transformar as leituras, apropriar-se, apossar-se delas e fazer suas próprias verdades. A escrita transformaria a coisa vista e ouvida em “forças e em sangue” e, por efeito, naquele que escreve, em um princípio de ação racional.

Os diários pessoais não se fecham em si mesmos, eles são um convite a pensar sobre si, mas também em relação aos outros. São feitos de fragmentos do que se vê, do que se ouve, do que se lê – são escritas feitas de outras escritas. Escritas que produzem outras escritas e outras formas de pensamento. Através da escrita de si, que se completa com a leitura do outro, é possível elaborar os discursos recebidos e tidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. A escrita tem uma “função *etopoiética*: ela é operadora de transformação da verdade em *êthos*” (Foucault, 2004, p. 147). A escrita de si abre a possibilidade de operar os discursos verdadeiros que pensamos, que defendemos, que acreditamos, que construímos, em ações, em modos de ser, em uma ética própria. Afinal, podemos ser o sujeito ético da verdade que pensamos? Esta é uma das questões que Foucault recupera da análise das práticas estoicas de ascese ou de cuidado de si mesmo.

A escrita de si pode ser pensada como um modo de subjetivação possível; um modo de reflexão, de estabelecer uma relação de forças consigo mesmo, uma forma de mostrar-se, de transformar-se. “Quando escrevo, o faço, acima de tudo, para transformar a mim mesmo e não pensar a mesma coisa que antes” (Foucault, 1996, p. 9). Não há uma essência do sujeito a ser desvendada – os sujeitos são formas, não substâncias. Só que esta escrita que pode ser autorreferenciada, feitas de outras escritas e experiências não se basta em si mesma. Ela precisa ser socializada, completada com o olhar do outro. A escrita que se completa com a leitura do outro e com a sua reescrita. A escrita que afeta outras escritas e produz efeitos sobre as práticas de quem escreve e de quem lê.

E aí há uma dimensão política importante: é uma forma de resistência, de encontrar um espaço respirável entre as relações de saber-poder, uma dessas operações éticas-(inter)subjetivas – diretamente implicadas nas resistências ao poder. É uma forma de resistência, que se faz política na medida em que não é só algo subjetivo e individual, mas coletivo. Como uma atividade *etho-poética*, a escrita significa uma possibilidade de autocriação, auto(trans)formação. O que, sem dúvida, não constitui um ato puramente narcísico, mas um ato coletivo e, por isso mesmo, político.

A escrita, nessa ótica, desempenhava um fundamental papel ao transformar a verdade em *êthos*. Se manifestava como uma prática que processava o que já fora praticado, expresso ou lido, com o propósito de afirmar, reformular ou introduzir novos elementos na constituição de si. Isso revela que, na época, a escrita oferecia às pessoas a oportunidade de interagir com a autoridade tradicional não como uma verdade absoluta a ser aceita e seguida, mas como algo a ser experimentado com a singularidade e as potencialidades de outras verdades presentes. Tudo isso, é claro, considerando as circunstâncias específicas que determinavam o seu uso.

Deste modo, é sob a inspiração em Michel Foucault que relato de forma breve as trilhas² acadêmicas que percorri no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle. Este relato foca especialmente na minha pesquisa de mestrado, na transformação da dissertação em livro, e nos deslocamentos que emergiram durante a elaboração da tese de

² Durante a escrita da tese, percebi que alguns vícios acadêmicos insistiam em me perseguir, tais como: a obsessão em pensar rapidamente a partir da perspectiva da linearidade, do progresso histórico, do esclarecimento, da “libertação” das amarras, entre outros. No entanto, passei a perceber o quão fecundo é duvidar do caminho ordenado linearmente. Por isso penso que a ideia de trilhas brincantes, condensa a ideia de percurso que aqui quero transmitir. Na trilha, se ouve os sons da natureza, como o vento batendo nas folhas, a água que escorre pelos rios, os diversos animais se locomovendo, gritando, acasalando, lutando; se sente os cheiros da mata, as diversas fragrâncias das flores; se toca nas texturas das árvores e da terra. Por mais que a trilha seja um caminho, existem inúmeras possibilidades de desbravamento e deriva. Isto é, fazer trilhas outras. Contudo, para que trilhas outras sejam constituídas, se faz necessário estar munido de ferramentas que possibilitem a exploração. Além disso, um tanto de coragem é sempre bem-vindo!

doutorado. Por fim, apresento meus novos interesses de pesquisa como pós-doutorando com bolsa do CNPq, além das temáticas que estou explorando como docente colaborador do PPGEdu da URI. É um modo de gesto comemorativo ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, que celebra uma década de doutorado em 2024.

DOS PRIMEIROS PASSOS NAS TRILHAS ÀS ESCOLHAS E DESLOCAMENTOS

Poderia relatar muitas experiências³ no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade La Salle. Isso porque todo o meu percurso de formação acadêmica - Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e, atualmente, Pós-Doutorado⁴ - ocorreu dentro deste programa. A Iniciação Científica e o Mestrado foram orientados pela professora Dr^a Elaine Conte; o Doutorado e, atualmente, o Pós-Doutorado (CNPq) sob a orientação do professor Dr. Cleber Gibbon Ratto. Entretanto, devido ao número limitado de páginas e à proposta deste dossiê, que é comemorar os dez anos do Doutorado em Educação da Universidade La Salle, vou dar maior ênfase aos deslocamentos realizados durante o doutorado e ao que venho fazendo e pesquisando desde a sua conclusão.

A dissertação, defendida em 2019, tratava de repensar e questionar os limites das tecnologias na educação, trazendo as dimensões críticas e sociais como forma de provocação *des-reificante* dos processos de colonização cultural de ensino orquestrados pelo interesse técnico do mercado (de reificação técnica), que leva à instrumentalização dos sujeitos (abstração de viverem como autômatos), à violência contra si e à exaustão do trabalho humano e pedagógico. A constituição da dissertação se deu pela abordagem hermenêutica-reconstrutiva, que por sua vez está voltada para a compreensão das contradições presentes nesse campo. Naquela ocasião, indiquei que a tecnologia na educação é uma faca de dois gumes: que tanto pode vincular alienações e imprecisões, quanto pode gerar uma relação político-social de resistência recíproca diante das injustiças sociais na esfera pública e democrática.

Após a conclusão do Mestrado em Educação, publiquei o livro *Tecnologias e educação: conhecer o outro lado* (2020) pela Editora Appris, sendo este um recorte e uma revisão da minha dissertação. Não posso esquecer que “o mais interessante na vida e no trabalho é aquilo que permite que nos tornemos algo diferente do que éramos no início” (Foucault, 1985, p. 777). Essa afirmação vale para a pesquisa e para a minha vida, em que “o jogo da existência vale a pena na medida em que não se sabe como vai terminar” (Foucault, 1985, p. 777). Ou seja, é preciso estar aberto nas pesquisas para as incertezas e as surpresas. A publicação de um livro em plena pandemia me ajudou a caminhar! Foucault (2010c, p. 293) nos diz que um livro funciona

³ Para citar algumas das muitas experiências que este programa me proporcionou e continua proporcionando no estágio pós-doutoral: representante discente do mestrado (2018); Editor Assistente da Revista Educação, Ciência e Cultura (RECC - 2022 até o presente); representante egresso *stricto sensu* na Comissão Permanente de Avaliação (CPA - atual); tendo também atuado como representante *stricto sensu* (2022-2023); vice-líder do Grupo de Pesquisa Cultura contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas (DGP/CNPq), coordenado pelo professor Dr. Cleber Gibbon Ratto. Além dos estágios de docência, organização de livros e dossiês em periódicos científicos, apresentação de trabalhos em diversos eventos e colaboração em cursos de extensão, sem contar as discussões nas aulas, nos grupos de pesquisa e nas escritas coletivas com os colegas.

⁴ Um aspecto que merece destaque é a defesa dos investimentos públicos em pesquisa, pois todas essas trilhas brincantes acadêmicas só foram possíveis graças ao apoio de três importantes agências de fomento no Brasil: a CAPES e o CNPq, a nível nacional, e a FAPERGS, no Estado do Rio Grande do Sul. A FAPERGS viabilizou minha bolsa de Iniciação Científica em 2017, o que foi fundamental para minha compreensão da pesquisa. Essa experiência inicial não apenas me proporcionou uma imersão no mundo acadêmico, mas também despertou meu interesse por questões relevantes e desafiadoras dentro da Educação. A CAPES, por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC), concedeu as bolsas de mestrado e doutorado, fornecendo os recursos essenciais que me permitiram ter qualidade de tempo para pesquisar e escrever. Atualmente, realizo o pós-doutoramento neste programa através da bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do CNPq, com um projeto submetido à Chamada CNPq Nº 32/2023, após a conclusão do doutorado. Para além da defesa dos investimentos públicos em pesquisa, espero que os investimentos acadêmicos que recebi até aqui, e os que ainda virão, façam jus ao investimento público à minha formação.

como uma experiência: “[u]ma experiência é sempre uma ficção; é alguma coisa que se fabrica para si mesmo, que não existe antes e que poderá existir depois”. O mais interessante é que aquilo que escrevi começou a ficar mais claro para mim à medida que conversava com outras pessoas em *lives*, compartilhando o livro.

Foi ficando cada vez mais claro que as tecnologias são ambíguas, assim como o ser humano, pois, “se elas são crias nossas, inevitavelmente carregam dentro de si nossas contradições e paradoxos” (Santaella, 2003b, p. 30). Lucia Santaella foi a primeira autora que tive contato para começar a pensar os tempos digitais de modo diferente. Me chamou muito a atenção quando a autora, já em 2003, afirmava que “não há por que desenvolver medos apocalípticos a respeito disso. As máquinas vão ficar cada vez mais parecidas com o ser humano, e não o contrário” (Santaella, 2003b, p. 30). Ainda em diálogo com o que Santaella (2003a, p. 30) pontua: “de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso.”

A afirmação do autor revela que as tecnologias dependem da capacidade humana de pensar e agir para colocar em movimento as informações, através da constante interação e movimento, criando formas de sociabilidade e de novas organizações sociais. As redes de computadores oferecem suporte propício para ações interdependentes que tornam horizontal e complexas as criações coletivas, participativas e os processos de inventividades gerados pela transformação da comunicação em conectividade mundial. Nesse contexto, a integração social das tecnologias incita a rever a sua instrumentalidade para incorporar novos sentidos, para além da identificação com a neutralidade, unidimensionalidade e especialidade. Trata-se, no melhor dos casos, de uma potencial abertura ao outro:

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe [...] evitar os extremos. Nem esposar cegamente o *consumerismo* ou o apelo esnobe do *high tech*, de um lado, nem cair nos lamentos nostálgicos, chorando a perda do paraíso, de outro. De resto, o lamento não traz nenhuma consequência, além de soar histérico, especialmente neste momento em que as novas relações entre a tecnologia e os humanos se tornaram sumamente complexas.

Da dissertação de mestrado à tese de doutorado, algumas ideias e compreensões foram amadurecendo e, a partir de novas leituras, outros olhares também foram surgindo. Essa atitude de crítica sobre o próprio pensamento é também uma das orientações de Foucault (2004, p. 9-10), de modo que “[u]ma crítica não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que se aceitam”. Tornou-se importante para mim problematizar os modos com que vinha constituindo os conceitos e os significados que me fabricaram e que me conduziram, até então, meus modos pensar e me relacionar no mundo.

Como disse Foucault (2010a, p. 232), “[t]emos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Necessitamos de uma consciência histórica da situação presente”. Neste aspecto, me refiro à crítica radical apontada por Foucault (2010b, p. 10) como “absolutamente indispensável para toda transformação”. A crítica radical ou a hipercrítica é uma desconstrução que faz da crítica uma prática permanente e intransigente inclusive consigo mesma, causando o estranhamento e a desfamiliarização com o que parecia pacífico e acordado por todos. Essa crítica radical é sempre desconfiada, insatisfeita e em movimento, não se firmando em nenhum *a priori*, seja na Razão, em Deus, no Espírito ou na Natureza, mas sim nos próprios acontecimentos. Dessa forma, a hipercrítica busca as origens das práticas discursivas e não discursivas no mundo concreto e analisa as transformações pelas quais passaram, sem recorrer a hipotéticos tribunais epistemológicos, teóricos e metodológicos que estariam acima de si mesmos.

As tecnologias possuem múltiplas variáveis, são ambivalentes e contraditórias, e por ser um campo de pesquisa movente é preciso um esforço constante de precisar nossos conceitos. No entendimento de Santaella (2003b), a confusão conceitual é proporcional à confusão nas formas como os fatos que pretendemos compreender nos são apresentados. Para tanto, passei a fazer uma revisão teórica embasada em perspectivas históricas para auxiliar numa melhor compreensão de conceitos, com a finalidade de viajar pela história, na tentativa de me ajudar a responder a algumas de minhas inquietudes para aquilo que Michel Foucault, herdeiro da filosofia de Nietzsche, propõe como história do presente. Trata-se de uma espécie de prestação de contas a mim mesmo, como um exercício de uma crítica que, ao final, retorna sobre si própria.

Deste modo, passei a perceber que cada sociedade (re)cria, (re)pensa, deseja e age sobre o mundo por meio da tecnologia e de outros sistemas simbólicos, de modo que a tecnologia é impensável sem levar em conta a relação entre sujeito e sociedade. E o que existe são relações “entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas, as técnicas” (Lévy, 1999, p. 23). No contexto atual, as tecnologias digitais resultam do desenvolvimento tecnológico alcançado pelo sujeito, tendo papel fundamental no âmbito da invenção, provocando grande impacto na sociedade. Muitas vezes, quando a tecnologia falha ou quando parece apontar para possíveis perigos, a primeira reação é culpar a tecnologia. Contudo, culpar a tecnologia pelos novos problemas sociais é apontar uma causa simples para um problema complexo, já que são os sujeitos que as criam e fazem uso, ao mesmo tempo em que são subjetivados por elas.

Atualmente, a cada dia que passa as dimensões das redes aumentam rápida e progressivamente, extrapolando os limites para além do aumento exclusivo da velocidade de transmissão dos dados. Castells (2015, p. 43) afirma que “as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas”. A interação midiática tem progredido vivificando a comunicação globalizada pela interação no ciberespaço. O acesso à informação ficou ainda mais facilitado, ampliando as possibilidades de produção de conhecimentos a qualquer hora e lugar, sendo esta potencialidade denominada por Santaella (2013) como aprendizagem ubíqua.

Por isso é necessário o esforço de uma perspectiva inclusiva das tecnologias que favoreça comunicações descentralizadas e a participação ativa através de novos ambientes para a formação e o trabalho com os artefatos tecnológicos na prática social. Atualmente, estamos intimamente ligados às tecnologias provocando diversas modificações nas experiências digitais e sociais, cujas manifestações vêm respondendo às necessidades do mundo atual. Com as evoluções tecnológicas, as relações com o outro também passam por modificações, gerando novos modos de comunicar e modificando o ser humano nos seus conceitos, valores e culturas, encurtando o tempo e o espaço através da velocidade de circulação das informações. Atualmente, a internet é uma plataforma de comunicação rápida e relacional, constituída por meio de redes de computadores no mundo da cibercultura, modo pelo qual o sujeito se comunica e interage com o mundo de maneira digital, possibilitando a aproximação entre as pessoas (Castells, 2003).

Para Castells (2003, p. 8), a “internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. O contexto social e a dinâmica da transformação tecnológica demandam uma tomada de posição e responsabilidade humana na utilização das redes de comunicação global. É responsabilidade dos sujeitos filtrar, (re)interpretar e usar de acordo com seu próprio contexto e necessidade (Castells, 2003).

A par de descrições mais ou menos entusiásticas e ufanistas do final dos anos 1990, do que seria a sociedade em rede e todos seus potenciais benefícios de expansão, democratização e liberdade humana, os anos 2000 presenciaram a expansão das discussões sobre os impactos culturais – também em sua face nociva – das tecnologias digitais e sua crescente popularização.

Tratou-se, sobretudo, daquilo que os autores nomearão como “cibercultura”.

A cibercultura faz parte do cotidiano das pessoas e produz resultados na perspectiva das conversações, para realizar operações bancárias, fazer compras, assistir vídeos e filmes, adquirir conhecimentos nos espaços formais e não formais de ensino, estreitando e, eventualmente, destruindo relacionamentos. Para melhor compreender as diversas dimensões da cibercultura, Lemos (2003) caracteriza três leis para investigar o contexto da cibercultura e a sociedade atual. Na primeira lei, da reconfiguração, é preciso evitar a ideia de substituir ou aniquilar as tecnologias antecedentes, de modo que o novo não substitui o velho, mas reconfigura-se às necessidades para manter-se vigente.

Na segunda lei, da liberação do polo da emissão, evidencia-se que certa democratização das manifestações gera excessos de informações e o surgimento de múltiplas vozes e discursos que até então eram silenciados pelas edições das informações, por meio de *chats*, *blogs*, *sites*, compreendidas enquanto espaços de luta e reconhecimento social. Na terceira, da conectividade, as diferentes redes sociotécnicas demonstram possibilidades de ações solitárias em meio à conectividade generalizada entre os próprios sujeitos, mas também entre máquinas que fabricam as informações por meio de códigos automatizados, modificando, portanto, o conceito de relacionamento e comunicação. A partir da nova perspectiva de diálogo espaço-temporal via ciberespaço, a economia, a cultura, o conhecimento e a política passam por processos de negociação, já que no ciberespaço tem-se a capacidade de transformar e manipular informações de interesses subjacentes e dinâmicas complexas (Lemos, 2003).

Para Lévy (1999), o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge com a interconexão mundial dos computadores e que está conectado à internet enquanto estrutura que dá sustento ao ciberespaço. Lemos (2008) percebe que o ciberespaço é uma parte essencial da cibercultura planetária e que cresce de forma acelerada. A cibercultura oferece múltiplos espaços de encontro com o outro em novas configurações aperfeiçoando as possibilidades de comunicação por meio de imagens, sons, vídeos, montagens, enfim, transformando as formas de comunicar e agir. Conforme Lemos (2008, p. 87), “o ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informações, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema”.

Lemos (2008) afirma que a cibercultura se estabelece como uma cibersocialidade, uma forma de estética social que pode também ser denominada de tecnologias do ciberespaço, entre elas as redes de informática e a realidade virtual, que fornecem possibilidades de aprender novos conhecimentos em rede. Lévy (1999, p. 28) define essa perspectiva de uma “inteligência distribuída por toda parte incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Mas, o ciberespaço por si só não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva. Então, “o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva” (Lévy, 1999, p. 29), em que as trocas de informações e ideias são constantes pelos rápidos movimentos que provocam. Daí que as tecnologias digitais não têm um fim em si e vão depender da ação humana. Castells (2003, p. 69) diz que, “assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana”. O modo de recriação de saberes é que vai caracterizar a revolução e a transformação tecnológica, do contrário, se recai apenas numa falsa inovação maquiada por modismos de mercado. Nas palavras de Castells (2003, p. 69),

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a de conhecimentos e informações, mas a aplicação desses conhecimentos e informação para a geração de conhecimento e sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva

de outras pessoas em projetos coletivos (Lévy, 1999, p. 30).

A partir destas leituras, tornaram-se ainda mais evidentes alguns conceitos muito importantes que, em algumas ocasiões, incorria em utilizar ou compreender como sinônimos entre ferramenta e artefato ao referir-me às tecnologias na minha dissertação de mestrado. Com a leitura dos autores no doutoramento, consegui compreender não apenas essa diferenciação conceitual. Ora, o que seria uma ferramenta? Ferramentas foram construídas pelo sujeito para auxiliar na força humana, como o martelo e o machado. Ao tratar das tecnologias comunicacionais que temos atualmente, o modo mais assertivo é compreendê-las como artefatos e não como ferramentas, pois os próprios artefatos são modificados por meio da interação com o sujeito.

Além do conceito de artefato, ao revisitar a minha dissertação, depois de tantas outras leituras realizadas no doutorado, percebo pouco frutífero utilizar o termo “dependência das tecnologias”, pois pode passar uma ideia pessimista que pouco abre para efetivas problematizações. Na verdade, não é que sejamos dependentes das tecnologias, mas hoje somos navegados em um vínculo indissolúvel, sendo as tecnologias uma extensão da inteligência humana, uma dilatação da presença humana da biosfera (Mcluhan, 1964; Santaella, 2020). No ponto em que nos encontramos, diante das tecnologias digitais, o que está sendo ampliado são as nossas habilidades cerebrais (Santaella, 2011). Além disso, ao tratar a relação do sujeito com as tecnologias digitais pela via da dependência, me dei conta que estava num modo de nomeação que inscreve o problema na ordem do discurso biomédico, higienista, com os riscos de medicalização, patologização, e, portanto, despotencializando toda a dimensão analítica sob diversos aspectos, dentre eles, do campo (inter)subjetivo, político, social e cultural.

Além dessas questões conceituais, na minha dissertação discuti acerca das tecnologias digitais a partir das lentes da Teoria Crítica, que busca, principalmente, analisar o desenvolvimento, progresso social, político e econômico que compõe a sociedade, críticas à transformação de uma realidade opressora visando uma sociedade mais justa, igualitária e emancipada. Os pensadores da Escola de Frankfurt apresentam uma visão predominantemente dialética com os segmentos tecnológicos, compreendendo-os como produtos culturais que refletem o desenvolvimento capitalista e as consequências da eficiência e da produtividade no âmbito da formação cultural e da educação.

A perspectiva epistemológica da Teoria Crítica consiste na consolidação de uma teoria social que seja capaz de pensar por contradição e contestar a teoria social hegemônica de perspectiva positivista, que Max Horkheimer chama de Teoria Tradicional. O processo de formação cultural (*die Bildung*), que favoreça o esclarecimento, a reflexão crítica e as formas de resistência ao saber fabricado caminha na contracorrente do progresso tecnocientífico e acrítico da sociedade. Theodor Adorno e Max Horkheimer trazem para a discussão sobre a questão da instrumentalidade técnica e sua relação com o capital, que por sua vez, foi responsável pela mercadorização da cultura e pela tendência à tecnificação da vida.

Em relação às teorizações foucaultianas que adotei na escrita da minha tese, percebo que podem ser mais produtivas⁵ do que as discussões que vinha travando conjuntamente com

⁵ Não estou querendo sugerir que tal perspectiva teórica não mereça ser lida. Pelo contrário, isso equivaleria a dizer que não vale a pena ler Platão, Calvino, Locke, Hegel e tantos outros, simplesmente porque estamos na Modernidade Tardia [ou em outra denominação que busca caracterizar o tempo presente]. Não seria correto limitar nossas leituras apenas aos autores contemporâneos, ou àqueles cujos escritos diretamente abordam as questões do presente, como se outros pensadores não tivessem contribuições valiosas. Na minha visão, essa perspectiva representa um mal-entendido intelectual lamentável, muitas vezes defendido por estudiosos que buscam nos autores contemporâneos uma confirmação do que já pensam. Entendo que todos os pensadores, tanto do passado quanto do presente, têm algo a nos oferecer para compreendermos o mundo contemporâneo e as questões que afligem o presente. Derrida (1994, p. 33) nos diz que a condição de ser herdeiro é uma fatalidade e que é necessário assumir essa atitude de herdeiros, isto é: “é preciso filtrar, peneirar, criticar, é preciso escolher entre vários possíveis que habitam a mesma injunção. E habitam-na de modo contraditório, em torno de um

a Teoria Crítica, que na maioria das vezes tem o foco de estudo no uso excessivo dos artefatos tecnológicos (tratando-os como causadores de dependência ou vício), a desconcentração que a *internet* pode causar, as implicações diante do distanciamento do contato físico/pessoal, dentre outras questões.

É nessa perspectiva que escolhi as teorizações foucaultianas na escrita da minha tese: pois elas não perscrutam uma verdade única; compreendem que a verdade é produzida; não definem a relação de poder entre o opressor e oprimido; não tratam a escola como uma instituição em que por meio de conhecimentos proporcionará emancipação, autonomia e libertação do indivíduo, mas a inscreve em uma rede de poder-saber. Do mesmo modo, problematiza a crença na escola como espaço de redenção, a crença na liberdade da consciência e da ação, e na busca pela conscientização do sujeito, visando sempre seu futuro. A perspectiva foucaultiana tensiona a racionalidade moderna, a crença na neutralidade, na ciência, na instrumentalização da razão, nas metanarrativas.

Nessa perspectiva, as tecnologias, de modo geral, e as tecnologias digitais, de modo particular, parecem poder ganhar um outro lugar. Trata-se muito mais de pensar a inscrição de tais tecnologias em diferentes dispositivos e discursos, do que tomá-las como algo em si ou efeito de arranjos político-ideológicos. Trata-se de estar aberto às novidades:

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas (Lévy, 1999, p. 12).

A produtividade das tecnologias implicadas na produção de coisas, signos e subjetividades amplia a potencial compreensão do fenômeno, colocando em cena a problemática de fundo que aqui me interessou em Foucault: a genealogia de nós mesmos. Como chegamos a nos tornar aquilo que temos sido e quais as possibilidades de virmos a ser de outros modos? Aqui, consigo perceber uma certa aproximação com aquilo que pensei sobre as tecnologias digitais na minha dissertação de mestrado com aquilo que pensei na minha tese, pois pensava em uma *cultura reconstrutiva das tecnologias*. O que aqui entra em cena são as reverberações dos artefatos nas subjetividades. Nas minhas próprias palavras:

[...] já que as tecnologias são formas de expressão, de reagir/intervir das criações humanas e estão presentes na prática cotidiana, é necessário reconstruir o sentido das tecnologias na educação, para pensá-las criticamente tendo em vista uma formação profissional que atua e intervém refletindo na ação/situação, experimentando, mobilizando, por meio do diálogo, a cultura digital (Habowski, 2019, p. 40-41).

Deste modo, todo esse movimento da dissertação de mestrado à tese de doutorado resultou na necessidade de desapegar de percursos já desgastados, abandonando certos escritos e materiais já produzidos para a análise. E não reclamar disso, apesar de permanecer um certo apego, bem como aquele sentimento de tempo perdido diante tudo o que já se havia feito no primeiro ano do doutoramento. Contudo, passei a perceber que fazer escolhas em uma pesquisa não se refere a tempo perdido, mas a movimentos, internos e externos, da investigação. As primeiras etapas do percurso metodológico foram desafiantes e produtivas para a constituição desse percurso. Tornou-se necessário alterar uma trilha para fazer outras,

segredo. Se a legibilidade de um legado fosse dada, natural, transparente, unívoca, se ela não pedisse e não desafiasse ao mesmo tempo a interpretação, não se teria nunca o que herdar”. As obras e autores não envelhecem. É claro que alguns autores de outra época não conseguem mais abarcar os tantos problemas que enfrentamos no presente. Em outras palavras, trata-se de identificar o que podemos aproveitar e o que podemos deixar de lado neste momento.

mudar o percurso e a escolha metodológica. Esse processo não me foi tranquilo, pois foi necessário. Mudei os rumos da pesquisa, renunciando a algo que já estava familiarizado há anos para algo que conhecia pouquíssimo, em referência, aqui, principalmente às teorizações e ao método.

Esses deslocamentos foram se constituindo em uma grande experiência pessoal-acadêmica, de modo que existem direções e movimentos que ainda estão por vir mesmo após a conclusão do doutorado. Muito me familiarizo com o que Saraiva (2009, p. 22) diz sobre a importância de “[m]ostrar as idas e vindas, os borrões, os entulhos. Levantar a assepsia das análises bem acabadas, dos textos bem escritos, para mostrar a terra revirada, as mãos sujas de barro. As (des)organizações que vão surgindo ao longo do trabalho”. A opção metodológica e do material empírico para análise representa esse processo de mostrar um pouco das mãos sujas de barro referidas pela autora. Então, a tese que defendi foi fruto de um processo de muitos caminhos e descaminhos, de desistências, de invenção, de curvas e contornos.

Em diferentes momentos da tese, percebi que seria necessário diversas renúncias e escolhas, mas também aos poucos fui percebendo que, do ponto de vista da perspectiva a que essa pesquisa se associa, esse processo passaria a fazer parte do caminho da investigação. Nas palavras de Foucault (2001b, p. 13): “[d]e que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”. Por isso, também na tentativa de deixar mais claro o *corpus* documental que optei por analisar na tese de doutorado, peço licença para referir algo sobre essa mudança de trilha.

No início do doutoramento [março de 2020]⁶, a ideia era realizar um Estado da Arte em torno das crianças e tecnologias no âmbito da Educação Comparada entre Brasil e Portugal⁷. Aqui, gostaria de fazer um breve comentário. Tenho a impressão de que se tornaram bastante comuns pesquisas em Educação do tipo Estado da Arte, estado da questão, ou os também denominados estados do conhecimento, com o objetivo de mapear a produção acumulada em determinado campo e favorecer o avanço das discussões. Até aqui, nenhum problema, pois me parece interessante e muito produtivo realizar um levantamento do capital intelectual sobre um tema a partir de pesquisas já feitas numa certa época e área do conhecimento. Esse tipo de pesquisa pode possibilitar a sistematização de um determinado campo, mapear e reconhecer as produções, identificar temáticas e abordagens dominantes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa, num recorte temporal definido. Acontece que muitas vezes ficam apenas num plano elementar, ou seja, de inventariar ou mapear os principais sentidos atribuídos pelos pesquisadores ao fenômeno de estudo.

As análises parecem ficar restritas, oferecendo-se mais como inventário comentado do que análise propriamente dita, restringindo-se em grande medida, à resenha e comentários breves sobre os trabalhos capturados e a constituição de eixos temáticos. Foi com Michel Foucault que encontrei algo muito mais complexo e desafiador, no campo da análise do discurso. Ele postula que a análise das enunciações não tem relação com a análise do conteúdo ou sobre modos de representação. Mas trata-se, antes, de multiplicar as possibilidades de análise e colocar em questão os próprios modos de produção de sentido e seus efeitos.

⁶ Após concluir meu mestrado em dezembro de 2019 e iniciar o doutorado em 2020, decidi que, além da pesquisa, também queria adquirir experiências como professor da Educação Básica. Apesar de ter realizado um semestre de estágio docência em 2014 no Curso Normal e participado de diversas atividades sociais nas escolas, busquei oportunidades em diferentes colégios de Porto Alegre assim que elas surgiram. O contato com os colegas professores, as equipes diretivas e com os estudantes alunos em instituições como o Colégio Salesiano Dom Bosco, Escola Cenáculo, Colégio La Salle Santo Antônio e Colégio Marista Rosário me permitiu não apenas discutir minha tese, mas também vivenciar um trabalho pedagógico de 'caminhar junto' com os estudantes, como sugere René Schérer.

⁷ Proposta de tese apresentada em 2020 no VI Consórcio Doutoral de Educação da Universidade La Salle sob o título: Brasil-Portugal: olhares sobre as questões das crianças, tecnologias e educação, disponível em: <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2020/article/view/1913/1979>.

Retomando: no começo do doutoramento passei a catalogar as dissertações e teses no Brasil adotando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - <http://bdttd.ibict.br/vufind/>) enquanto repositório de pesquisa sob a justificativa da minha familiaridade em pesquisas já realizadas neste repositório, bem como pela facilidade para realizar a busca e a recuperação dos materiais. A justificativa de analisar as dissertações e teses para o Estado da Arte era de que tais pesquisas permitiriam perceber o que está sendo discutido em um dado momento histórico, pois essas pesquisas são construídas pelos contextos emergentes, apontando relevância e trazendo uma contribuição significativa.

Para o Estado da Arte, minha intenção em não restringir a busca apenas aos Programas de Pós-Graduação em Educação era partindo do princípio de que outros Programas também poderiam apresentar contribuições significativas para a composição do Estado da Arte. Assim, me parecia necessário nas pesquisas do tipo Estado da Arte na Educação ampliar o leque, por assim dizer, e incluir dissertações e teses de outros Programas de Pós-Graduação, evitando que a pesquisa se enquadrasse no conjunto de estudos com generalizações ou simplificações não desejadas; sobretudo no campo das tecnologias, pois se caracterizam na atualidade por uma multiplicidade de metodologias, pressupostos, abordagens e estilos narrativos diversos.

Partindo desta perspectiva, adotei como descritor principal o termo *tecnologias*, por apresentar uma perspectiva mais ampla de dissertações e teses e por tratar de todas as tecnologias e não apenas as tecnologias digitais ou as de mídias. Também na busca adotei o termo *crianças*, por apresentar uma perspectiva mais ampla ao invés de *infância* ou *infâncias*, pois me pareceria que muitas pesquisas poderiam não trazer esses termos, e sim crianças enquanto sujeito de pesquisa.

Dando continuidade com este relato de deslocamentos realizados na tese de doutorado, naquele momento passei à constituição do *corpus* investigativo com a catalogação conforme descrito. As buscas e catalogações das pesquisas foram realizadas no mês de setembro de 2020, e por isso optei pelo ano de 2019 como o último ano para a coleta dos trabalhos. Desta forma, utilizando os descritores de busca *crianças tecnologias* cataloguei [manualmente] 343 dissertações de mestrado e 109 teses de doutorado, totalizando 454 pesquisas.

O primeiro ano de produções com os descritores *crianças tecnologias* foi de 2007, deste modo, a ideia seria analisar as produções a partir deste ano. Dentre as proposições iniciais, o que cheguei a realizar a partir desta catalogação foi: a) Programas de Pós-Graduação das pesquisas; b) Percentual de Universidades; c) Número de dissertações e teses mapeados; d) Percentual dos anos defendidos. Também já havia identificado a distribuição de instituições de origem dos trabalhos coletados, sendo que a instituição que mais realizou pesquisas na área foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, totalizando 51 trabalhos, seguida pela Universidade de São Paulo, somando 50 trabalhos. Em seguida, pude verificar os Programas de Pós-Graduação em que as dissertações e teses foram defendidas: 122 em Programa de Pós-Graduação em Educação; 34 em Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 23 em Programa de Pós-Graduação em Design.

Num primeiro momento, cataloguei as dissertações e teses em eixos temáticos. A partir da leitura das dissertações e teses, organizei em dez (10) eixos, assim denominados: *Eixo 1*: brincar, os jogos digitais e crianças; *Eixo 2*: Tecnologia Assistiva para crianças com deficiência; *Eixo 3*: Segurança da criança nos meios digitais; *Eixo 4*: Multiletramentos das crianças em ambiências digitais; *Eixo 5*: Experiências e relações entre escola, famílias, crianças e tecnologias; *Eixo 6*: Crianças, multimídias e os contextos escolares; *Eixo 7*: Tessituras da escuta, do cuidado e do acompanhamento das crianças; *Eixo 8*: Ressignificações éticas e estéticas do pensar com as crianças e as tecnologias; *Eixo 9*: Formação de professores e as ambiências digitais com as crianças; *Eixo 10*: Apropriações e referências das crianças das tecnologias.

Pois bem! Tomado por inquietações do que realmente queria pesquisar, a ideia do Estado da Arte e a perspectiva comparada com Portugal se deu até aqui. Passei a questionar o que

estava pesquisando e as perspectivas metodológicas que iria adotar. A partir de outras leituras e muitas reflexões, decidi por um outro modo de construir a tese e disso decorreu, inclusive, um novo orientador. Isto é, optei por fazer uma trilha outra, saí em busca de novas perspectivas e de me colocar de outro modo, não mais com as [nem tão] confortáveis e velhas lentes. A partir dos encontros com o orientador, optamos por um olhar genealógico a partir de Michel Foucault para analisar as dissertações e teses. Passamos a delinear melhor o que de fato seria analisado, com uma atenção muito maior à construção do problema propriamente dito, do que à quantidade e extensão dos trabalhos que seriam colocados em análise.

Optei, então, por analisar apenas as dissertações e teses do Eixo 1: brincar, jogos digitais e crianças⁸, exclusivamente dos Programas de Pós-Graduação em Educação para, justamente, ocupar-me dos discursos produzidos nesta área. Além disso, selecionei aquelas circunscritas à última década (2010-2019), por entender que o universo das buscas estaria mais consolidado em 2019 do que em 2020, além do fato de 2020 já ter sido um ano pandêmico, o que poderia impactar nas dissertações e teses com elementos novos, instigantes, mas sem possibilidade de análise cuidadosa neste momento.

Mas, antes de seguir, um parêntese!

Hoje, já defendida a tese de doutorado, passo a fazer uma autocrítica ao *corpus* selecionado para análise. Percebo que a predeterminação do espaço-tempo e o critério de seleção para decidir o que será utilizado ou excluído têm, no caso da tese desenvolvida, pouca importância. Nos intrincados entrelaçamentos, o que realmente importa [e que faz diferença numa pesquisa] é quais ideais empregamos para conceber novas ideias. Trata-se de explorar tudo o que o mundo oferece. É entender que a linguagem é um labirinto de infinitas diferenciações. A pesquisa não se limita a simplesmente utilizar ferramentas para acessar um objeto de estudo em sua forma mais direta e clara. Seus recursos não se resumem à mera captação ou transcrição de expressões verbais que aparentemente foram acessadas ou registradas.

Hoje compreendo que as práticas de pesquisa são dinâmicas, impossíveis de serem totalmente delimitadas, encerradas. As estruturas, limites e características do que quer que seja não se estabilizam e desestabilizam simplesmente no espaço e no tempo em que a pesquisa opera, mas coexistem na criação do próprio espaço-tempo da investigação. O melhor a fazer é aproveitar esse inevitável entrelaçamento que, ao invés de simplesmente conceder acesso ao mundo, revela uma intrincada não-coincidência da pesquisa consigo mesma.

Trata-se de reconhecer os diferentes territórios que habitamos e perceber como a pesquisa e o mundo se entrelaçam, se influenciam ativamente na fascinante complexidade do espaço-tempo em ação. Em andamento está a suspensão da presunção de uma ruptura definitiva que separa de uma vez por todas o que a pesquisa realiza do que o mundo manifesta, entre a produção do conhecimento e a produção da existência, entre sujeito e objeto, o eu e o outro, como se fossem entidades segregadas. Aproveitar o que quer que seja é permitir que a pesquisa se expanda em uma extensão e dispersão que podem se manifestar em várias formas materiais, espalhando-se por diferentes meios e suportes, além de adotar uma disposição para lidar com materiais comuns e triviais.

⁸ Válido dizer que o interesse pela temática das crianças e tecnologias digitais emergiu durante meu mestrado, quando fui convidado a contribuir em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O projeto tinha como objetivo investigar as discussões sobre a presença e as diferentes formas de uso das tecnologias na educação, bem como explorar suas implicações e benefícios para as crianças. Naquele momento, fiquei intrigado com a abordagem de tentar demonizar o uso de tecnologias digitais por crianças, como se houvesse um perigo intrínseco a ser evitado a todo custo. Encontra-se em: INÁCIO, Cláudia de Oliveira.; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano; RIOS, Míriam Benites. Infância e tecnologias: desafios e relações aprendentes. **Textura**, ULBRA, v. 21, p. 37-58, 2019. DOI: 10.17648/textura-2358-0801-21-46-4542

O desejo que fica é de não antecipar quais interfaces têm o potencial de impulsionar uma abordagem inventiva. Isso envolve uma apreciação singular pelo processo de mesclar e experimentar com materiais diversos e, talvez, discrepantes, integrando-os dentro do mesmo contexto conceitual, entrecruzando-os e aguardando para observar as possíveis ramificações. É um movimento de arriscar fissuras; é um trabalho tentacular e delicado numa exploração expansiva que, ao se estender por coisas inesperadas, aprecia uma variedade de paixões, sabores, detalhes, idiomas e objetos.

Em vez de explorar territórios semelhantes aos que já percorri, intensifica-se agora o desejo de envolver-se nas interações com outros, mesmo que habitem distintos campos empíricos. Isso não apenas no convívio diário, mas também nas artes, nos sonhos. Movimentos incertos e vibrantes, que extravasa e inquieta. Acredito que é nessa contaminação e nesse embate que o conhecimento pode ser gerado. Envolve lançar-se entre pessoas e conexões, entre objetos e suas interligações, dissolvendo as fronteiras entre os materiais utilizados em uma pesquisa e os efeitos que podem ser provocados.

Fim do parêntese!

Assim, após os diversos deslocamentos da dissertação à tese de doutorado, a questão central em torno da qual se construiu o problema da tese girou em torno de *problematizar a produção de discursos circulantes na área da Educação, servindo-se de pesquisas já realizadas em torno do brincar das crianças na interface com as tecnologias digitais, para buscar pistas das condições de proveniência e emergência de tais discursos, e evidenciar os dispositivos que agenciam saberes e práticas educativas da infância*. Como procedimento para a análise do *corpus* discursivo, tomei como referência as teorizações foucaultianas, de modo que os conceitos-brinquedo⁹ utilizados para dar condições a esse investimento analítico derivaram de um olhar genealógico a partir de Michel Foucault e comentadores.

Foi possível delinear a operação de três dispositivos: o *dispositivo da periculosidade*, o *dispositivo da redenção* e o *dispositivo do desenvolvimento*. O *dispositivo da periculosidade* envolve práticas de controle e monitoramento do acesso das crianças às tecnologias digitais, defendendo como fundamental o retorno às brincadeiras consideradas tradicionais, na perspectiva de fazer a gestão de riscos. Já o *dispositivo da redenção*, articulado ao primeiro, agencia práticas de educação digital escolar para “salvar” ou “redimir” as crianças com condutas desviantes ou problemáticas no uso das tecnologias digitais. O *dispositivo do desenvolvimento*, por sua vez, busca na psicologia do desenvolvimento justificativas para o brincar mediado pelas tecnologias digitais enquanto um recurso para estimular o desenvolvimento (progressivo) cognitivo e facilitar a aprendizagem escolar, num elogio desmedido de suas benesses e potencialidades. Nos agenciamentos compostos pelos três dispositivos há também acontecimentos em potencial, virtuais linhas de fuga, brechas na normalização, que no brincar junto *das* e *com* as crianças, abre espaço para um devir-criança do próprio brincar, com o qual se atualiza a invenção de mundos.

Em suma, a experiência brincante de pesquisa permitiu sustentar a Tese de que *o brincar – atravessado pelas tecnologias digitais – tende a ser transformado em experiência regulada, modulada e instrumentalizada pedagogicamente pelos discursos da Educação, desvitalizando sua condição de potencial lugar outro – heterotópico – onde insiste em se atualizar um devir-*

⁹ Foi inspirado em Deleuze (2001, p. 71) que criei a noção de conceitos-brinquedo na tese como uma adaptação de conceito-ferramenta: *Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. E curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate.*

criança do brincar, ligado aos signos da experiência, da amizade e da invenção de mundos.

Ainda na minha tese, nas suas considerações finais, disse que a pesquisa desenvolvida não almeja impor à razão, inerentemente dispersa, a linearidade da Ciência Moderna com sua estrutura de começo, meio e fim. Em vez disso, meu objetivo é que ela instigue um efeito de circularidade, permitindo que a última página se conecte produtivamente à primeira. Foi num espaço disperso e aberto que meu pensamento navegou. Não se enclausura em uma progressão linear de começo, meio e fim, nem se organiza em sequências predefinidas de capítulos ou parágrafos; ela se move em todas as direções, estabelecendo conexões entre pontos aparentemente diversos. Foi uma brincadeira! Assim como uma criança [que continua em nós] que começa várias atividades sem a necessidade urgente de terminá-las, mas com a ideia de retomá-las em outro momento, convido os leitores a brincarem comigo nesses espaços, permitindo que também façam suas experiências de incursões.

Michel Foucault diz que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso! E que, se tudo apresenta algum nível de perigo, então sempre temos algo a realizar. Essa postura de um 'dynamismo engajado' me vacina contra a apatia e me conduz também ao exercício do pensamento como experimentação, analisando as implicações do que fiz e como me posiciono. Justamente para não para cair na armadilha da excessiva clareza. Isso significa que não tenho a intenção nem o desejo de estabelecer qualquer compromisso de fidelidade com as ideias abordadas. Da mesma forma, não exijo tal fidelidade dos leitores. Pretendo ser inconstante em relação a mim mesmo, pois isso me concede um espaço de liberdade, possibilitando que em breve eu possa contestar minhas próprias ideias, refutá-las ou simplesmente abandoná-las. Enfim, o que escrevi já não capturam meu principal interesse. O que realmente me desperta é a capacidade que as palavras registradas possuem de instigar em mim o potencial para uma reflexão diferente, explorar o não familiar, o não-sabido, o desconhecido. Não apenas revisitando as ideias, mas expandindo-as e reinventando-as.

Desse modo, o que tem tomado meus pensamentos após a defesa da tese de doutorado são as crianças migrantes e refugiadas. As crianças se constituem num segmento social minoritário, cuja tutela e dependência são estabelecidas pelo paradigma adultocêntrico predominante, resultando na obstrução de sua participação efetiva. Me parece que essa situação se agrava quando a criança também está em condição de migração ou refúgio, pois a intersecção dessas duas condições coloca desafios relacionados à subalternização, à infantilização e à "dualidade" do modo como é tomado esse sujeito em processo de formação, ora como criança, ora como refugiada. Assim como a *infância* persiste em nós enquanto condição virtual permanente e irremediável – condição do humano na linguagem –, não ocorrerá algo semelhante com a condição de *migração e refúgio*?

Assim, esse é o tema de pesquisa com o qual tenho me ocupado nos últimos meses, tanto no PPGEdU da Universidade La Salle, através do estágio pós-doutoral (CNPq), quanto na URI, enquanto professor colaborador no PPGEdU. No âmbito do pós-doutorado, sob a orientação do prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto e com bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do CNPq, onde também estou coorientando uma dissertação de mestrado sobre essa mesma proposta, o foco consiste em compreender os percursos e percalços – socioeducacionais e psíquicos – implicados na ocorrência, expressão e manejo do sofrimento psicossocial vivido por crianças estudantes migrantes e refugiadas em Canoas/RS, com vistas a implementar e avaliar 'tecnologias sociais' capazes de favorecer a produção de saúde e qualidade de vida dessas populações.

Teoricamente está articulado entre os campos da Psicanálise (Freud; Birman; Freire Costa; Kehl; Kristeva; Jerusalinsky) e da teoria social (Benjamin; Adorno; Arendt; Honneth) lançando mão da produção acumulada nos estudos de infâncias (Kohan; Schérer; Skliar; Agamben; Bujes; Corazza; Narodowski) e aqueles com foco nas migrações e refúgios, especialmente latino-americanos (Elhajji; Paraguaçu; Norões; Motta; Lopes; Grajzer; Veronese;

Schlindwein; Lazarin; Abramowicz; Essomba; Milanez; Siqueira). A investigação filia-se a uma perspectiva socioantropológica da pesquisa em Educação, justificada pela necessidade de conhecer os jogos de sentidos que operam na realidade em estudo, a partir do maior número de perspectivas implicadas e através do diálogo intercultural.

No âmbito do PPGEdU da URI, enquanto professor colaborador, duas das dissertações de mestrado que estou orientando também se dedicam aos estudos migratórios. Uma delas busca problematizar estratégias de acolhimento às famílias das crianças migrantes venezuelanas de uma escola de Educação Infantil no município de Itapiranga (SC). Para isso, a pesquisa pretende conhecer, a partir de biografemas, a história de vida das famílias e compreender como ocorrem as experiências de acolhimento na escola. A outra dissertação busca compreender como os professores de estudantes migrantes mobilizam estratégias pedagógicas a partir dos processos de formação. Para isso, pretende perscrutar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores em sala de aula e problematizar as experiências docentes a partir dos percursos formativos. Ambas as pesquisas estão situadas no campo dos estudos migratórios, seus mecanismos de regulação e proteção (ACNUR; OIM; BRASIL), lançando mão das teorias decoloniais em conexão com o campo educacional (Catherine Walsh; Aníbal Quijano; bell hooks) e das recentes produções acadêmicas brasileiras em torno da formação de professores em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) (Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; Kabengele Munanga).

A outra proposta de pesquisa que também estou orientando, enquanto dissertação de mestrado, propõe problematizar as vivências das crianças na natureza a partir de uma Educação Ambiental Decolonial. Busca experimentar, a partir do extraordinário, as infâncias e a natureza sob a perspectiva das miudezas e sutilezas de uma Educação Ambiental Decolonial, além de cuidar dos espaços ao redor da escola por meio das oficinas que serão realizadas com as crianças. A pesquisa está situada no campo da Educação Ambiental Decolonial, em conexão com interlocutores que assinalam a infância como potência de um devir, considerando a infância como condição de existência.

Essas três pesquisas aqui mencionadas têm como inspiração o Método Cartográfico de Pesquisa-Intervenção, elaborado por Passos, Kastrup, Escóssia e Tedesco, que orientará a produção e análise de dados. Essa análise se dará no aspecto processual da relação entre o objeto de investigação e seu plano de produção. A escolha dessa metodologia se justifica pela sua abordagem como um percurso, que o pesquisador cartógrafo irá observar, vivenciar, acompanhar e analisar a partir dos rastros que emergirem ao longo da pesquisa.

Paralelo a essas investigações, também estou tentando me ocupando da coragem da experimentação de devir-criança. Trata-se de assumir essa coragem, não como algo nostálgico ou romântico, mas como um vetor de uma força intensiva que se manifesta na vida a qualquer momento que revoluciona a mim e ao mundo. É um devir que afirma a revolta diante do abominável, que emerge de forma intempestiva em um presente intolerável, um devir que não pode ser antecipadamente nomeado, pois fala da transformação constante de mim mesmo (Deleuze; Guattari, 2009). Atualmente, são essas possibilidades que estão ocupando minha mente e considero fundamental enfatizá-las.

ALGUMAS RELATIVAS IMPORTÂNCIAS

Este texto propôs ser completamente desprovido de utilidade, especialmente para aqueles que buscam respostas. Como um gesto comemorativo ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, que celebra uma década de doutorado em 2024, apresentei os novos pensamentos que foram emergindo até se chegar à tese defendida, a qual este programa me possibilitou desenvolver.

A escrita aqui [tentativa] é concebida como uma experiência capaz de penetrar de maneira microfísica nos modos de existência e pensamento. Os conceitos de nós-eles, teorias,

textos, espaço e normas se entrelaçam, influenciando-se mutuamente e gerando perturbações que nos moldam e deslocam como efeitos das relações. O objetivo não é relatar sobre si, mas sim compor-se através da escrita. Com efeito, é o espraiamento que me motiva a rejeitar as abordagens que ignoram que a educação está vinculada aos sujeitos e à subjetivação. Isso me conduz a dar importância às biografemas como um modo de questionamento e investigação, ao mesmo tempo em que descarta a noção de um sujeito (auto)constituído.

Michel Foucault, ao se questionar sobre qual era o seu sonho numa entrevista ao *Nouvel Observateur* (apud Eribon, 1990, p. 274), disse: “[c]riar uma editora de pesquisa. Vivo perdidamente atrás dessas possibilidades de mostrar o trabalho em seu movimento, em sua forma problemática. Um lugar onde a pesquisa poderia se apresentar em seu caráter hipotético e provisório”. Inspirado por Michel Foucault, talvez seja o espírito ensaístico que se sobressaia nesse texto. Ensaio é sempre aberto e que podem [precisariam] ser constantemente revisitados para que posições e ideias outras possam emergir por dentro. Esse texto é aquele que nasce e cresce por dentro a partir de uma insatisfação com a resposta que possuímos no momento. Uma escrita-brincante, como uma criança totalmente entregue ao presente, em devir.

Dou ênfase aqui que de duas coisas hoje não abro mão na minha vida: da pesquisa e da escrita. Esses dois aspectos constituem o meu modo de viver. É por esse caminho que me torno uma pessoa melhor e mais livre [sim, pesquisa e escrita como prática de liberdade]. Me alio o que diz Clarice Lispector (1984, p. 11): “Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são (...)”. A construção de um cuidado de si passa pela valorização das relações que estabeleço comigo mesmo.

O processo de escrita não se resume apenas a um ato acadêmico de transpor palavras para a tela do computador, mas sim a uma experiência ou forma de vida que gera um constante movimento de transformação subjetiva. Portanto, o ato de escrever se embaraça com a minha vida, isto é, com uma abordagem intensiva de conduzir a minha própria existência. Escrever se torna uma experiência de transformação não apenas do pensamento, mas, acima de tudo, da própria subjetivação. É uma experiência contrária a qualquer propósito normativo. A escrita é a superfície onde uma vida se inscreve, com suas reviravoltas e complexidades.

É aqui que vida e escrita se entrelaçam, em que a segunda se revela como um meio e uma oportunidade para a intensa multiplicidade de manifestações da primeira. Por isso busquei operar com uma escrita acadêmica que não apenas explore, mas também preserve a intensidade do momento de sua escritura, reforçando as experiências, percursos, encontros e desvios presentes no pensamento e na rede de afectos no instante em que o texto é lido. Ademais, tentei uma escrita que persista na geração de conhecimento, reafirmando as potencialidades de diversificação da existência.

Encerro este texto. Porém, carrego comigo todo o não-saber e as infinitas possibilidades que esse não-saber pode gerar. Sigo por este caminho, impactando-me enquanto tecendo e mapeando não apenas as recordações pessoais, mas também as brincadeiras que este texto pode suscitar. Intencionalmente, deixo pontas soltas, como potenciais trilhas para que outros possam costurar. Que essas brechas se tornem convites para a exploração, abrindo espaços para novas problematizações. Assim, cada leitor poderá, à sua maneira, entrelaçar suas experiências e dar vida a novas narrativas que ecoem neste caminho de invenção de si e do mundo. Encerro com Manoel de Barros, com o vivo desejo de devir-criança e de criação das palavras...

Tempo

[...]

Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora em estou quando infante. Agora nossos irmãos, nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não tinha frente e nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinha, lavava e costurava para nós. O pai passava o seu dia passando arame nos postes de cerca. A gente brincava no terreiro de cangar sapo, capar gafanhoto e fazer morrinhos de areia. [...]

[...] Nesse tempo a gente era quando crianças.

[...]. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Porque o tempo não anda prá trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra quando de suporte.
(Barros, 2010, p. 133).

REFERÊNCIAS

BARROS, Manuel. **Memórias Inventadas**: as Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 3. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. A. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DELEUZE, Gilles. Os Intelectuais e o Poder. Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In. FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault - 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos (excertos)**. Organizado por: Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Ditos e Escritos IV. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

- FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a Política: ditos e escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense, 2010c. p.289-347.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Cómo nace un “libro-experiencia”. In: KAMINSKY, Gregorio (sel.). **El yo minimalista**. Conversaciones con Michel Foucault. Buenos Aires: La Marca, 1996. p.9-18.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1982.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano. **Teoria crítica da tecnologia e educação: desafios contemporâneos**. 2019.153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano. **Tecnologias e Educação: conhecer o outro lado**. Curitiba: Appris, 2020.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano. **O brincar das crianças em tempos digitais: a produção de discursos na Educação**. 2023. 295f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade La Salle, Canoas, 2023.
- LEMOS, André. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a época**. In: Lemos, André; Cunha, Paulo (org.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.11-23.
- LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do mundo: crônicas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MCLUHAN, Herbert Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.
- SANTAELLA, Lucia. **Entrevista concedida à Revista IHU online**. Edição 5, 2011.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003a.
- SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, 2003b.
- SANTAELLA, Lucia. Prefácio. In: SALES, Mary Valda Souza (Org.). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 7-9.
- SARAIVA, Karla. Diários de uma pesquisa off-road: análise de textos como problematização de regimes de verdades. In: Ferreira, Taís; Sampaio, Shaula. **Escritos Metodológicos: possibilidades para pesquisa contemporânea em Educação**. Maceió: Edufal, 2009. p. 13-34.

Submetido em: 22/09/2024.

Aprovado em: 26/12/2024.